Editorial

A. Domingues de Azevedo

Transpondo obstáculos

No passado dia 15 de Julho completaram-se sete anos de existência da nossa instituição, pelo menos no que respeita à eficácia da sua existência que, nos termos do Decreto-Lei n.º 265/95, de 17 de Outubro, só se ganhou com a tomada de posse da Comissão Instaladora.

Este espaço de tempo deve merecer de todos nós uma profunda reflexão, avaliando o ponto de onde partimos, onde é que chegámos e quais as bases construídas que nos permitam com um mínimo de rigor antever para onde vamos.

Não foi fácil chegar até aqui. Todos sabemos que o reconhecimento público da nossa profissão nos aportou direitos, mas também aumentou muito os nossos deveres.

Os longos 32 anos em que a profissão foi exercida sem qualquer enquadramento jurídico criou marcas, umas positivas outras negativas. Ao assinalarmos as positivas, devemos cultivá-las e desenvolvê-las cada vez mais, mas às negativas, todos devemos fazer um esforço sério no sentido de as eliminar da nossa profissão.

O caminho percorrido, embora devendo ser motivo de orgulho para todos nós, não é de forma alguma o ponto de chegada e todos devemos esforçar-nos por ir um pouco mais além.

Julgo não ser característica exclusiva dos Técnicos Oficiais de Contas, mas nota-se um certo alheamento dos profissionais, no que respeita à vida da sua instituição.

Quem tem a responsabilidade de gerir, tem de no momento certo decidir, por vezes pode não decidir da melhor maneira, mas quando se aprova com base na participação de muitos, decide-se com muito maior segurança de encarnar o sentimento daqueles que representa.

Muitos me respondem que se os membros não reagem, é porque se sentem bem representados. Não deixa de constituir uma compensação para quem assumiu, por mandato dos membros, a responsabilidade de gerir a instituição, mas não deixa de nos criar um sentimento de vazio e de insegurança que com uma maior participação se poderia dissipar.

> Exemplos recentes são a prova inequívoca da necessidade de nos mantermos unidos em torno da nossa instituição na defesa dos nossos interesses, pois tenhamos a certeza de que se não formos nós a fazê-lo, ninguém o fará por nós.

Exemplos recentes espelham iniludivelmente a prova inequívoca da necessidade de nos mantermos unidos em torno da nossa instituição na defesa dos nossos interesses, pois podemos ter a certeza de que se não formos nós a fazê-lo, ninguém o fará por nós.

Chegámos até aqui, mas a nossa meta é muito mais além. Para tanto, temos de ter a coragem de seguir em frente, traçando o nosso caminho no respeito pelo dos outros, mas sempre com a consciência de que teremos de vencer ainda muitos obstáculos.

Sentimo-nos com força e vontade de lutar pela defesa intransigente dos nossos interesses e, com a colaboração de todos, chegaremos ao fim da estrada.